

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE AS AÇÕES UTILIZADAS PELO PROFESSOR NESSE PROCESSO

Carla Assis Barros*

Tathiana Martins de Carvalho**

RESUMO

Diante do grande número de crianças que demonstram dificuldade no contexto escolar e que são motivos de queixas frequentes nos relatos de profissionais da educação, fez-se necessária a elaboração do presente artigo, com o objetivo de analisar as ações utilizadas pelo professor, em relação às crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem no contexto escolar. Para melhor compreender essa realidade se fez necessário conhecer o entendimento dos professores acerca da temática dificuldade de aprendizagem; identificar os obstáculos/dificuldades encontrados pelos professores na relação com o aluno que apresenta a dificuldade de aprendizagem e elaborar estratégia de orientação e informação que auxilie os professores no cuidado com essas crianças. Assim, este artigo é relevante, pois ao conhecer a realidade escolar é possível criar estratégias de orientação para os profissionais que lidam com a dificuldade de aprendizagem em sala de aula. O desenvolvimento deste artigo ocorreu por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, na qual foram realizadas entrevistas não estruturadas, na escola municipal de Inhaúma, com 19 professoras do 1º ao 5º ano, com idade entre 23 e 51 anos. Os resultados revelaram desconhecimento do corpo docente, o que leva na maioria das vezes a estigmatização da criança por parte desse profissional, mesmo não sendo o único fator causal quando se trata da dificuldade de aprendizagem. O psicólogo escolar pode auxiliar o educador a superar o paradigma da dificuldade de aprendizagem, através de estratégias como, por exemplo, a palestra elaborada neste artigo, que tem o objetivo de orientá-los de forma dinâmica sobre o tema, levando-os a refletir sobre sua prática e proporcionar um momento de motivação e revigoração através de troca de experiências e de estratégias que vise contribuir para a educação da criança, por que, não se trata de procurar o(s) culpado(s) pelo baixo rendimento, e sim, comprometer todos os envolvidos no enfrentamento desta realidade que pode ser muito complexa.

Palavras chave: Psicologia Escolar; Dificuldade de aprendizagem; Atuação dos professores.

ABSTRACT

In view of the large number of children who do not learn in the school context and frequently are reason of complaints in the reports of education professionals, it becomes necessary to elaborate the present article, with the objective of analyzing the actions used by teachers in relation to children that present learning difficulties in the school context. To a better understanding of this reality, it becomes necessary to know teachers conceptions about the difficulty of learning issue; Identify the obstacles / difficulties encountered by the teachers in the relationship with the student who presents the learning difficulty and elaborate guidance and information strategy that helps the teachers in the care with these children. However, this article is relevant, because knowing the school reality it is possible to create orientation strategies for professionals who deal with the difficulty of learning in the classroom. The development of this article was occurred through bibliographical and field research, with unstructured interviews made with 19 teachers from the 1st to the 5th grade of Elementary School, aged between 23 and 51 years. The results revealed unpreparedness of the teachers, which leads, in most of the cases, on the child stigmatization by this professional. However, the help of other professionals is in great value in overcoming the learning of difficulty paradigm, because it is not about seeking the culprit for the low profit, but engaging all involved and putting off the attention that is directed towards the child limitation and give a way to the real care.

*Graduanda em Psicologia na FCV-Faculdade Ciências da Vida, carlassisbarros@hotmail.com

**Psicóloga, professora mestre da FCV-Faculdade Ciências da Vida, tathimcarvalho@gmail.com

Key words: School Psychology. Learning difficulties. Teachers' performance.

1 INTRODUÇÃO

O amplo número de crianças que demonstram dificuldade de aprendizagem no contexto escolar, que são agitadas e incapazes de manter atenção nas atividades, tem configurado motivo de queixas frequentes nos relatos de profissionais da educação. O aluno com dificuldade de aprendizagem exige dos professores um manejo e um desenvolvimento de estratégias pedagógicas diferentes das utilizadas para os alunos que conseguem responder satisfatoriamente aos conteúdos formalmente programados pelo sistema educacional. Assim sendo, este artigo propõe uma análise das ações utilizadas pelos professores, em relação às crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem no contexto escolar.

O processo de aprendizagem é contínuo e acontece no decorrer da vida do indivíduo, desde o nascimento até a idade mais avançada. Processos de desenvolvimento, bem como andar, falar, ler e escrever, são considerados requisitos básicas de aprendizagem para que a criança alcance a responsabilidade social e consiga uma participação perspicaz na sociedade. Os diferentes estágios da vida são destacados por frequentes formas de aprendizagem, o que resulta em um aprimoramento constante na execução de suas ações, assim como maior entendimento das situações a seu redor, suas relações com si mesmo e com o ambiente, o que o capacita ao ajustamento com seu espaço físico e social. No entanto, o ato de aprender supõe-se dificuldade, sendo o não saber uma condição indispensável para o aprender (MOTA; PEREIRA, 2011).

O professor é o mediador do aprender, ele passa grande parte do dia com a criança e é muito comum ser o primeiro a perceber algumas dificuldades e limitações apresentadas pela criança. Estes se tornam fundamentais na identificação das dificuldades e, para isso, entender sobre o que acontece com a criança se torna essencial para o enfrentamento dessa realidade que pode parecer muito complexa. Além do desconhecimento da definição, tipos e causas das dificuldades de aprendizagem ocorrem muitas confusões e interpretações erradas de quais os alunos apresentam essa dificuldade. Desta forma, os professores devem ampliar suas ferramentas para buscar juntamente com a família o caminho mais adequado para que a criança que manifesta essa dificuldade possa ter uma educação de qualidade (NUNES, 2013).

Quando diagnosticada, formalmente ou não, a criança se torna responsável pelo seu fracasso escolar, ficando estigmatizada, e a desconstrução de que ela não aprende por ter uma patologia tem consequências diretas na formação do seu autoconceito e da sua autoestima. O rótulo de incapaz de aprender é internalizado pela criança e conseqüentemente resulta em elaborações psicológicas negativas que serão levadas por toda sua história, dificultando ainda mais o processo de aprendizagem. Por essa razão é de grande importância distinguir claramente as dificuldades de aprendizagem, as quais estão centradas na criança, das dificuldades de escolarização que englobam também os aspectos da escola, bem como a redução no preparo dos professores e a ausência de condições das escolas, tanto na funcionalidade quanto na estrutura (VIEGAS, 2015).

O direcionamento da presente investigação foi estruturado a partir da questão norteadora: Como os professores, lidam com as crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem? De acordo com levantamentos bibliográficos infere-se que os professores responsabilizam a criança pelo não aprender estigmatizando-a. O grave desta inferência é que influenciados pelo discurso médico, alguns profissionais da educação levam para a sala de aula uma visão que a criança deve atender a um modelo pré-determinado socialmente, resultando em equívocos sobre a dicotomia normal-patológico. Essa forma de ver a criança impossibilita o profissional da educação de percebê-la como um ser singular, que apresenta dificuldades em acompanhar de forma homogênea de acordo com os planejamentos elaborados para crianças da mesma faixa etária (SILVA, 2014).

Diante disso, o objetivo geral do trabalho é conhecer as ações utilizadas pelo professor em relação às crianças que demonstram limitações no processo de aprendizagem. Já os objetivos específicos são: conhecer o entendimento dos professores acerca da temática dificuldade de aprendizagem; identificar os obstáculos/dificuldades encontrados pelos professores na relação com o aluno que apresenta dificuldade de aprendizagem e elaborar estratégia de orientação e informação que auxilie os professores no cuidado com as crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa de caráter qualitativo, descritivo. Para a coleta de dados utilizou-se pesquisa bibliográfica e de campo, através de entrevistas previamente agendadas para os dias 28 a 30 de março de 2017, em uma escola municipal da cidade de Inhaúma. As entrevistas foram baseadas em roteiro aberto, dando às entrevistadas a liberdade para falar sobre o tema. A amostra foi composta por 19 professores, com tempo de atuação que variou de 1 mês a 20 anos, e idade entre 23 e 51 anos. A análise dos dados obtidos ocorreu mediante análise de conteúdo. De acordo com os resultados encontrados, foi

elaborada uma palestra com o objetivo de orientar o educador, contribuindo assim para a educação da criança.

Este trabalho se torna importante, pois, ao conhecer a realidade escolar é possível criar estratégias de orientação para os profissionais nas questões que envolvem crianças com dificuldade de aprendizagem. É relevante para profissionais da saúde, profissionais da educação, para os pais, profissionais de psicologia e estudantes com interesse na *práxis*, pois possibilita uma compreensão das dificuldades encontradas pelos professores no dia a dia, permitindo aos profissionais envolvidos construir um espaço de reflexão que possibilite o desenvolvimento subjetivo dessas crianças. Portanto, espera-se que este trabalho tenha reflexo acadêmico, pois ao reconhecer os obstáculos descritos pelos professores, o psicólogo terá condições de orientar esses profissionais mais objetivamente, uma vez que o contexto educacional clama por uma formação voltada para uma atuação profissional politicamente mais comprometida.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Constituição Federal (CF) de 1988 apresenta como um dos seus objetivos fundamentais, “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (art.3º inciso IV). Já o artigo 205, define a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. No seu artigo 206, inciso I, a CF ainda estabelece a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola, como um dos princípios para o ensino e, garante como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino” (art. 208). Contudo, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), destaca uma porcentagem de alunos, que não apresentam nenhuma deficiência, porém, têm dificuldades no processo de aprendizagem escolar.

Desde a expansão do sistema público de educação básica preocupou-se em criar cursos e professores em longa escala, esquecendo o básico para uma formação de qualidade. No entanto, o aluno contemporâneo exige do professor estratégias de ensino variadas, pois este deve desenvolver a aptidão para trabalhar com diferentes níveis de entendimento e ter condições de acolher graus distintos de compreensão e absorção do conteúdo programado,

uma vez que o ritmo de aprendizado não é homogêneo, cada um tem um tempo específico para assimilar o conteúdo. Contudo, quanto mais atualizado acerca do caráter ético e sobre as alterações que ocorrem na sua prática, o profissional da educação sentirá mais segurança quanto às várias situações que exigem maior flexibilidade em relação aos alunos com dificuldade de aprendizagem (NUNES *et al.*; 2013).

No que diz respeito à formação ou a capacitação do profissional da educação, Freire e Papert (1996) ressalta que:

O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica [...] O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor (p. 92).

Para Oliveira *et al.* (2012) alguns educadores possuem uma carência de conhecimento que são fundamentais para a prática pedagógica, como grande confusão de conceitos que envolvem a dificuldade de aprendizagem, mesmo sendo um tema discutido em algum momento da formação. Interpretações erradas acabam tendo consequências como dificuldade em identificar causas e tipos de dificuldades de aprendizagem, o que leva a generalização e a criação de barreiras para uma educação apropriada para a criança. É importante, portanto, que se promova a desconstrução do mito da homogeneização da aprendizagem, já que cada criança tem o seu próprio tempo para aprender e para que a dificuldade deixe de ser considerada como puramente estigmatizada.

Por vários anos acreditou-se que as dificuldades de aprendizagem estavam associadas a questões orgânicas como desnutrição, privação cultural e deficiência intelectual, no entanto, em dado momento houve uma ruptura de conceitos e os fatores educacionais, sociais e históricos passaram a ser considerados (NUNES *et al.*, 2013). Como corrobora Barros (2012), existem causas extraescolares como as precárias condições econômicas e sociais da população, e causas intraescolares que perpassam a utilização equivocada de conteúdos que se tornam abstratos e vagos para alguns alunos, até a culpabilização da criança pelo seu fracasso. Já para Silva (2014), existe uma visão biológica, que explica através de laudos o não aprender da criança, e a visão histórico-cultural, que analisa o contexto no qual a criança está inserida, como fator que pode influenciar no seu baixo rendimento escolar.

Segundo De Oliveira *et al.* (2014), um dos grandes obstáculos existente para a atuação do professor para com os alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem são as questões emocionais que são apresentadas pela criança em relação ao seu contexto familiar e

social. Pois o ambiente externo representa um papel de grande importância para o desenvolvimento infantil. Infelizmente, quando há falta de conhecimento sobre a dificuldade de aprendizagem por parte dos pais e professores, o indivíduo que a possui passa a se sentir fracassado e frustrado, agravando ainda mais a aprendizagem. É fundamental que a família participe da vida escolar da criança, para que estejam, família e escola, simultaneamente no mesmo caminho, oferecendo uma segurança na aprendizagem e proporcionando à criança condições de se tornar emocionalmente capaz de se libertar do que a faz ter dificuldade e estar apto a criticar e enfrentar as complexidades de sua realidade.

Outro obstáculo que serve como barreira para o melhor desempenho da prática do professor frente ao aluno com dificuldade de aprendizagem, é a metodologia, a qual deve ser adequada, motivadora e que envolva os alunos. Portanto, a mudança de estratégias é fundamental caso o aluno apresente dificuldade com as atividades previamente programadas, pois através de novas formas de ensino, o professor confirma a dificuldade de determinado aluno ou a descarta, evitando rótulos que prejudicam a criança e pode leva-la até mesmo ao abandono escolar. Para vencer o desafio da dificuldade de aprendizagem a escola deve planejar intervenções que auxiliem as crianças a superarem as dificuldades não somente identifica-las (SPINELLO, 2014).

Diante do modelo da psicologia clínica e por vários profissionais atuarem de maneira equivocada, pais, supervisores escolares, diretores, orientadores pedagógicos não compreendem qual a real atuação do psicólogo escolar. Inicialmente o psicólogo escolar utilizou testes psicológicos com a intenção de medir as habilidades e capacidades dos alunos. Mas, o trabalho desse profissional não se restringe somente a diagnósticos de problemas de aprendizagem e comportamento, acompanhamentos psicológicos e vocacionais e treinamento de professores. Por isso, o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2007), na resolução 013/07 reconhece a Psicologia Escolar/Educacional como uma das várias especialidades da psicologia e apresenta as atividades que cabe a este profissional:

- a) aplicar conhecimentos psicológicos na escola, concernentes ao processo ensino/aprendizagem, em análises e intervenções psicopedagógicas; referentes ao desenvolvimento humano, às relações interpessoais e à integração família-comunidade-escola, para promover o desenvolvimento integral do ser;
- b) analisar as relações entre os diversos segmentos do sistema de ensino e sua repercussão no processo de ensino para auxiliar na elaboração de procedimentos educacionais capazes de atender às necessidades individuais;
- c) prestar serviços diretos e indiretos aos agentes educacionais, como profissional autônomo, orientando programas de apoio administrativo e educacional;
- d) desenvolver estudos e analisar as relações homem-ambiente físico, material, social e cultural quanto ao processo ensino-aprendizagem e produtividade educacional;
- e) desenvolver programas visando a qualidade de vida e cuidados indispensáveis às

atividades acadêmicas; f) implementar programas para desenvolver habilidades básicas para aquisição de conhecimento e o desenvolvimento humano; g) validar e utilizar instrumentos e testes psicológicos adequados e fidedignos para fornecer subsídios para o replanejamento e formulação do plano escolar, ajustes e orientações à equipe escolar e avaliação da eficiência dos programas educacionais; h) pesquisar dados sobre a realidade da escola em seus múltiplos aspectos, visando desenvolver o conhecimento científico.

No entanto, o psicólogo escolar vem trabalhando de forma diferenciada, com o objetivo de interagir com os demais atores do contexto educacional na construção de soluções que envolvam a realidade na qual vivem. Como exemplo, existem grupos de discussão, além de outras formas de atendimento que diferem da prática clínica e avaliativa, como é o caso das oficinas com professores, que tem como objetivo trabalhar a expressão de ideias, sentimentos e atitudes em relação ao dia a dia com os alunos. Essas novas formas de lidar com o outro proporciona além de um espaço físico, um espaço psicológico de orientação, troca de experiências, discussão sobre as dificuldades e sobre os potenciais de cada um (APÊNDICE A) (DIAS *et al.*, 2014).

Contudo, o psicólogo escolar também deve pautar-se na avaliação da instituição educativa e na análise da eficiência e da qualidade do processo educacional, o que exige um trabalho conjunto com a equipe escolar e uma formação teórica consistente no que se refere não só às teorias da psicologia, mas também à literatura educacional (ASBAHR *et al.*, 2011). Ter uma nova visão de mundo, que propicie à criança ser protagonista, registrando outras perspectivas de ação que coloque à margem os interesses e necessidades da vida adulta (CORRÊA, 2012). O trabalho em rede pode ser de grande auxílio, pois é a oportunidade de a prática interdisciplinar efetivamente acontecer diante da dúvida de um caso. Profissionais de diversas áreas podem contribuir na reflexão, organizando os conhecimentos e contextualizando-os para melhor entender a subjetividade da criança.

O ambiente institucional e a relação pedagógica também devem ser observados com atenção pelo psicólogo através das interações e relações de poder existentes dentro da escola, captando através deles fatos e conteúdos educacionais, ou seja, a psicologia deve ser para a escola, atuando nela, estudando-a. Para isso, é importante considerar o cotidiano de todos que fazem parte dela. O espaço físico é primordial para escutar as demandas da escola, e conseqüentemente, pensar em estratégias de enfrentamento destas. Contudo, o profissional não deve se ater a um local específico, porque as demandas dificilmente chegarão até sua sala, deve-se ficar atento aos diversos espaços do contexto da escola (PATIAS; GABRIEL, 2011).

No entanto, o Psicólogo escolar deve buscar estar atualizado e não trabalhar apenas com práticas curativas ou patologizantes, mas também preocupar com o desenvolvimento de

práticas de prevenção e promoção que desenvolvam todos os agentes do contexto educacional. Ter também uma nova visão de mundo, que propicie ao aluno ser protagonista, registrando outras perspectivas de ação que coloque em destaque as necessidades e interesses da vida adulta (CORRÊA, 2012).

3 METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa que tem como principal preocupação o estudo e a análise do mundo com base nas experiências em seu espaço natural, valorizando o contato do pesquisador com o meio e a situação que está sendo estudada. Quanto à coleta de dados foi utilizada pesquisa bibliográfica, que possibilita ao pesquisador ter melhor entendimento da temática, dando-lhe subsídio para comparar e analisar as ideias já existentes de diferentes autores, obtendo maior fundamentação. Os materiais utilizados na pesquisa foram artigos, livros, teses e dissertações que abordassem a temática. Como norteadores da busca foram utilizadas as palavras-chave: “dificuldade de aprendizagem”, “atuação do professor”, “fracasso escolar” (GIL, 2010; MARCONI; LAKATOS, 2010).

Realizou-se, também, pesquisa de campo que objetiva a obtenção de informações e conhecimentos sobre a questão para qual se procura resposta, e também buscar dados junto às pessoas, exigindo do pesquisador a presença e o tempo para que este consiga imergir na prática, regras e costumes do grupo estudado. Para a coleta, o pesquisador pode utilizar videoteipes, gravadores ou bloco de notas, porém este deve considerar o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados (GIL, 2010; MARCONI; LAKATOS, 2010; GODOY, 2014).

De acordo com Godoy (2014), a pesquisa qualitativa é descritiva, pois visa a compreensão ampla do fenômeno estudado e considera todos os dados da realidade como importantes. O ambiente e as pessoas não são reduzidos a variáveis, o que exige do pesquisador um olhar para o todo. Não é possível entender sobre um determinado fenômeno sem estudar sua estrutura na qual os indivíduos elucidam seus sentimentos, pensamentos e ações. Marconi e Lakatos (2009) dizem que esse método busca expor a complexidade do comportamento humano, a partir da análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos,

atitudes, valores e tendências de comportamento utilizando-se de embasamento teórico e um mínimo de estruturação e planejamento para o desenvolvimento da pesquisa.

Foram realizadas entrevistas não estruturadas, portanto, não houve elaboração de perguntas, com 19 professoras do 1º ao 5º ano, de uma Escola Municipal, da cidade de Inhaúma, com idade entre 23 e 51 anos, todas com formação superior em pedagogia. Sendo 4 professoras do 1º ano, 3 professoras do 2º ano, 3 professoras do 3º ano, 4 professoras do 4º ano e 6 professoras do 5º ano. O critério de seleção dos profissionais foi por indicação da direção da escola e de acordo com disponibilidade dos mesmos.

As entrevistas foram agendadas para os dias 28 a 30 de março de 2017, dias de reunião com a supervisora pedagógica, visando não comprometer o horário de trabalho das professoras. Foram disponibilizados 20 minutos para conversar com as professoras sobre a temática dificuldade de aprendizagem, sendo separadas de acordo com a série em que lecionavam. As entrevistas foram gravadas, após consentimento das participantes, e transcritas na íntegra para análise. Foram preservados os nomes das participantes e todas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecimento na ocasião da entrevista.

| <i>Professor</i> | <i>Sexo</i> | <i>Idade</i> | <i>Tempo de formação</i> | <i>Tempo de atuação</i> |
|------------------|-------------|--------------|--------------------------|-------------------------|
| P1 | Feminino | 33 | 08 anos | 08 anos |
| P2 | Feminino | 39 | 12 anos | 12 anos |
| P3 | Feminino | 47 | 20 anos | 01 ano |
| P4 | Feminino | 38 | 13 anos | 12 anos |
| P5 | Feminino | 46 | 19 anos | 10 anos |
| P6 | Feminino | 35 | 06 anos | 03 anos |
| P7 | Feminino | 34 | 07 anos | 07 anos |
| P8 | Feminino | 49 | 24 anos | 24 anos |
| P9 | Feminino | 42 | 08 anos | 01 ano |
| P10 | Feminino | 36 | 12 anos | 12 anos |
| P11 | Feminino | 33 | 08 anos | 08 anos |
| P12 | Feminino | 23 | 01 ano | 04 meses |
| P13 | Feminino | 39 | 06 anos | 05 anos |
| P14 | Feminino | 45 | 15 anos | 15 anos |
| P15 | Feminino | 42 | 10 anos | 10 anos |
| P16 | Feminino | 45 | 23 anos | 23 anos |
| P17 | Feminino | 37 | 08 anos | 06 anos |
| P18 | Feminino | 39 | 10 anos | 08 anos |
| P19 | Feminino | 51 | 29 anos | 29 anos |

Quadro 1 – Perfil dos professores entrevistados

A realização da análise dos dados baseou-se em Análise de Conteúdo Temática, que segundo Bardin, (2010, *apud* CASTRO; ABS; SARRIERA, 2011) consiste numa interpretação controlada, através de um conjunto de instrumentos metodológicos, para a obtenção de indicadores quantitativos ou qualitativos, por meio de procedimentos sistêmicos. Conforme orientação da autora, foi realizado um levantamento do conteúdo e posteriormente a classificação destes com o objetivo de atravessar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados.

De acordo com Câmara (2013) a análise de conteúdo perpassa três fases, quais sejam: pré-análise, que é considerada como a fase de organização do material e tratamento dos resultados, na qual há o contato inicial com os documentos que serão submetidos à análise. A segunda fase é a de exploração do material com o intuito de verificar todo o conteúdo, a qual se divide em partes determinadas de acordo com o contexto e, por último, a terceira fase é chamada de tratamento dos resultados, pela qual é feita a inferência, que se orienta por diversos polos de atenção (polos de atração da comunicação) e a interpretação, que deverão aprofundar no conteúdo manifesto dos documentos, buscando captar os principais elementos do material coletado.

Através dos resultados levantados pela análise dos dados, foi possível elaborar como estratégia de orientação uma palestra para os profissionais da educação com o objetivo de orientá-los de forma dinâmica sobre o tema, levando-os a refletir sobre sua atuação no dia-a-dia e proporcionar um momento de motivação e revigoramento através de troca de experiências e de estratégias que contribuam para o enfrentamento junto à criança da sua realidade. O roteiro desta intervenção está disponível no Apêndice A, ao final deste artigo.

No presente estudo, utilizaram-se as seguintes categorias para a análise das entrevistas em relação à atuação do professor: a) Despreparo do professor, b) estigmatização da criança e c) busca de apoio em equipe multiprofissional.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

Com a intenção de melhor organizar e desenvolver a análise e discussão de dados configurou-se a seguinte tabela:

| Conteúdo | Categoria de Análise |
|----------|----------------------|
|----------|----------------------|

| | |
|----------------------|--|
| Atuação do professor | <ul style="list-style-type: none"> a) Desconhecimento do professor b) Estigmatização da criança c) Busca de apoio em equipe multiprofissional |
|----------------------|--|

Quadro 2 – Categorias de Análise

4.1 ATUAÇÃO DO PROFESSOR

4.1.1 Desconhecimento do Professor

Os professores se deparam com vários obstáculos no decurso de sua atividade profissional, sendo a falta de informação um ponto fundamental para um desempenho visando qualidade e equidade. Como se atentar para assuntos ou realidades que lhes parecem distantes? Muito se fala sobre o aluno problema, que não consegue acompanhar os colegas, que tem dificuldade em se expressar seja pela fala ou pela escrita, dificuldade em formular o pensamento em forma de palavras, na interpretação, na percepção, no armazenamento de conteúdos, sem muitas vezes saber que estão lidando com dificuldades de aprendizagem, ou seja, existem crianças que não tem patologias diagnosticadas como TDHA, dislexia ou disgrafia, mas apresentam dificuldades de aprendizagem. E a criança sem diagnóstico acaba sendo considerada preguiçosa, sem atenção e desinteressada (SPINELLO, 2014).

Neste contexto, Freire e Papert (1996) afirma que o papel do professor não é simplesmente constatar o que ocorre, mas também é o de quem tem condições de auxiliar nos casos levantados, constatando não para se adaptar, mas para que o aluno se torne capaz de transformar sua realidade. Portanto, uma maior capacitação e preparo influencia de forma positiva o trabalho deste profissional e em situações como as vivenciadas com as crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem.

Corroborando com os autores acima citados, foi possível identificar nas falas das entrevistadas um desconhecimento em relação à temática dificuldade de aprendizagem o pode que comprometer a atuação deste profissional com as crianças que apresentam essa dificuldade. Fatores como uma formação acadêmica limitada e distante da prática, a falta de parceria com a família ou também por uma percepção do aluno, na qual demanda uma busca constante de aprender e melhorar a si mesmo são alguns dos responsáveis por tornar esta realidade ainda mais complexa. Por isso, a busca por capacitação, orientação e compreensão

de temas que estão presentes no dia a dia do educador, pode ser o grande diferencial tanto na atuação deste, quanto na vida da criança, uma vez que o educador é importantíssimo no processo interventivo e seu olhar, sua postura e sua afetividade fazem toda a diferença.

Nessa hora a gente corre o risco, que a gente não tem o conhecimento né, se ele pode ser daltônico, então, tem certas dificuldades que a gente percebe, mas que a gente não tem como diagnosticar, nós professores não temos como fazer um diagnóstico correto daquilo (Informação verbal – P4).

E aí tem hora que a gente fala assim o quê que a gente faz, a gente fica com interrogações, tem hora que a gente depara com situações, que a gente fica pensando nossa como vou agir, porque a prática é muito diferente (Informação verbal – P13).

A gente vê que existe um despreparo tanto dos professores quanto da família, exatamente por certas atitudes que os pais têm. A criança não está preparada, a família não cobra, então a gente fica trabalhando sozinha, sem saber pra que rumo a gente leva as coisas. Porque o despreparo é muito grande. A dificuldade que eu vejo que é maior é o despreparo mesmo tanto pra lidar com as situações de cobrança, quanto pra lidar com as situações cotidianas mesmo (Informação verbal – P10).

Você pode comparar em um relato de dificuldade de aprendizagem a tempos atrás e relatos de hoje em pleno século XXI de uma dificuldade de aprendizagem. Porque hoje nos professores, não conseguimos detectar se é realmente uma dificuldade de aprendizagem, se é um desinteresse, se é uma desmotivação, se é um despreparo. Olha pra você ver os fatores que entram. Se é preguiça, se é maturidade, se é autonomia, se é responsabilidade, se é a família (Informação verbal – P13).

O acadêmico não dá visão nenhuma, só quando você entra pra sala mesmo que você vai ver porque é muita teoria e na prática é tudo diferente. Aí que você pega as dificuldades mesmo da criança, então fazer faculdade dá mais a teoria mesmo quando você entra pra sala. Ou até mesmo no estágio você não tem aquela base totalmente pra você perceber, quando você pega uma turma, que você vai ficar, né, um ano todo ou seis meses, que você vai ter noção de quais são as dificuldades de cada aluno (Informação verbal – P11).

Não é só você graduar e pronto. Sou graduada, mas e aí eu falo, a gente faz a graduação fica aquele tempo todo e daí só depois que você vem pra uma sala de aula que você sabe realmente o que é, o que se passa (Informação verbal – P12).

O negócio é o seguinte, eu acho muito difícil lidar com eles porque eu não estou acostumada com sala de aula, pra grupo. Entendeu? A sala dela é a minha dificuldade, então eu acho que se. Eu estou trabalhando isso na minha cabeça, sabe (Informação verbal – P14).

Existem vários fatores que contribuem para a dificuldade de aprendizagem, fatores que são relacionados à criança, à família, à escola e ao professor. O desconhecimento é um dos agentes que contribuem para o aumento dos obstáculos enfrentados pelo professor no dia a dia com as crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem. Por este motivo a interação com outros profissionais como forma de orientação e capacitação pode ser de grande importância. Como, por exemplo, a palestra elaborada neste artigo com intenção de levar informações e estratégias para facilitar a relação do professor com o aluno que

apresenta dificuldade de aprendizagem, visando a melhoria do processo ensino-aprendizagem e diminuição dos obstáculos do dia a dia. Além disso, é importante que existam estratégias diferenciadas, e não consista em mera repetição dos conteúdos não aprendidos.

4.1.2 Estigmatização da Criança

De acordo com Oliveira-Menegotto e Fontoura (2015, p. 382), “superar o paradigma antigo é fundamental, uma vez que o fenômeno da dificuldade de aprendizagem carrega uma complexidade de determinações. Trata-se de não focar somente em uma estrela e sim na constelação”. Não se trata de procurar o(s) culpado(s) pelo baixo rendimento, e sim, comprometer todos os envolvidos, tirando as viseiras e tendo uma visão mais sistêmica do assunto.

Em consonância com o autor citado é imprescindível a discussão acerca do pré-conceito existente em relação a visão que se tem das crianças que apresentam dificuldades, uma vez que esses julgamentos podem interferir na subjetividade e na construção da identidade destas crianças. Para isso, o professor precisa ter consciência da importância de se criar vínculos com a criança através das atividades do dia a dia, construindo e reconstruindo sempre novas conexões cada vez mais fortes e positivas. Trabalhando sempre com o objetivo de tentar romper com estigmas e rótulos, permitindo que o aluno se reconheça como cidadão capacitado, como um sujeito autônomo, capaz de intervir na sociedade e na sua realidade, e que seu futuro não é determinado pelas dificuldades do presente.

E têm muitos alunos que na hora de interpretar a própria pergunta, eles já chegam perto e perguntam: - o que é pra fazer nisso aqui mesmo? Eles já querem respostas prontas. Eles não leem. Eu pergunto, mas você leu? Li tia, não você não leu. Eles chegam perto de você e já querem a resposta. A gente vê que eles têm muita preguiça e não dificuldade de aprendizagem (Informação verbal – P6).

Eu também acho que é preguiça, por isso o que eu faço com os meus a leitura, mesmo lendo ruim igual tem uns que leem, eu peço eles pra lerem o texto todo mundo junto. Lê ruim, lê embolado, às vezes mistura, vou ajudando, mas tem que ler. A correção também, no quadro e junto comigo. Por mais que eu corrija no caderno eu procuro corrigir no quadro, lendo junto comigo a pergunta o texto, a resposta. Dou oportunidade pra cada um dar a resposta dependendo se for uma resposta pessoal (Informação verbal – P7).

E o que eu percebi quando eu vou na sala dos alunos com dificuldade de aprendizagem é que eles foram deixados pra trás, muitos foram deixados mesmo.

Assim oh, não quer pronto acabou. Porque a gente vê que muitos já estão caminhando (Informação verbal – P19).

Nossa, o dia a dia com esses meninos com dificuldade, igual da sala da turma dela, é uma porcaria. É uma merda. Não é pra ela, pra mim é, entendeu. Se eu pudesse eu jogava eles todos no lixo. Pronto falei (Informação verbal – P14).

O que eu tenho notado é esse desinteresse desses meninos, não sei se por já terem sido informados que no quarto ano não tem retenção, então ficam assim sem interesse nenhum. Mas eu acho que os pais também em casa não estão apertando os meninos porque não tem reprovação. Eu já presenciei, tem menino lá que na hora que eu chamo atenção por não ter feito o dever ou não está fazendo atividade dentro de sala de aula simplesmente me ignora (Informação verbal – P9).

Trata-se, no entanto, de olhar para esse aluno não com a intenção de classificá-lo, mas sim de identificar suas capacidades potenciais, ampliando a visão no que diz respeito à dificuldade de aprendizagem, aprimorando sua competência e atuação. Talvez a maior dificuldade na relação entre professor e criança que apresenta dificuldade de aprendizagem, seja por falta de uma visão global do ser humano, pois a tendência atual é analisar a criança parte por parte. E quando existe em sala de aula uma atmosfera de respeito mútuo, o “errar” não significa falta de conhecimento, mas sim sinal que uma estrutura está em construção.

4.1.3 Busca de Apoio Através de Equipe Multiprofissional

A dificuldade de aprendizagem é um dos grandes motivos de encaminhamentos para atendimentos psicológicos. É nesse cenário de transformação de questões não médicas para questões médicas, que escolas e famílias veem como respostas de seus problemas pedagógicos, ou seja, buscam o respaldo de um diagnóstico para justificar o não aprender. Entretanto, verifica-se que equívocos são cometidos, os quais geram consequências para a criança, já que é atribuída a ela a causa do seu fracasso escolar (REGHELIN; RIBEIRO, 2015).

No entanto, o intuito deste trabalho não foi discutir a validade desses diagnósticos, mas mostrar que o diagnóstico deve ser algo que ajude o profissional da educação a perceber o que acontece com a criança, para posteriormente se realizar a intervenção. Porém, quando o diagnóstico passa a explicar o sujeito e o deixa convicto de que não existe mudança, de uma forma que ele fique marcado por essa característica, este deixa o verdadeiro papel que o diagnóstico tem, e passa ser um estigma.

Foi percebido através da entrevista realizada que os professores ao perceber que a criança está com alguma dificuldade que consideram mais graves, relatam para os pais sobre a rotina do filho, e cabe aos pais ou responsável buscar ajuda profissional caso considerem necessário. E, quando essa atitude não é tomada pelos pais ou responsável, os professores se limitam a estratégias metodológicas com o auxílio somente da supervisora, não tendo contato com outros profissionais. Entretanto, o papel do educador ao detectar a dificuldade de aprendizagem deve ser de encaminhar ao psicopedagogo para uma avaliação das habilidades perceptivas, motoras, linguísticas, cognitivas e até mesmo os fatores emocionais do aluno em questão. Após esta avaliação o profissional recomendará o procedimento necessário, tanto para o professor quanto para a criança e a família do aluno, para a superação das dificuldades de aprendizagem.

A não ser que a gente perceba alguma coisa diferenciada mesmo na criança, então a gente pede ajuda. Eu mesma, tenho um que a própria mãe está procurando ajuda, vai procurar porque o menino é muito agitado, mas ele aprende, é um dos melhores que eu tenho, mas ele é agitado, não fica sentado, mexe demais. A própria mãe já percebeu que ele precisa de ajuda, porque ela não está dando conta de lidar com ele (Informação verbal – P2).

A escola ela tem, nós como professores de escola temos a seguinte posição, porque nós não temos uma visão clínica. Nós não clinicamos. Então, quando nós detectamos um fator agravante e percebe que ele está anormal e crítico o nosso encaminhamento, a primeira postura é de chamar os pais e relatar como está a rotina escolar do filho. Então os professores relatam a rotina escolar, vamos supor se for um aluno muito hiperativo, se for um desinteressado, então o professor faz uma entrevista relata a rotina escolar para os pais, e daí, só que a gente tem que tomar todo cuidado porque nossa estratégia de educador, mediar conhecimento, não de clinicar. Então a gente tem até que tomar um certo cuidado de como está repassando essa dificuldade na aprendizagem pros (sic) responsáveis. Então a gente relata as atitudes comportamentais também, que a dificuldade de aprendizagem, ela gera a indisciplina, atitudes comportamentais indesejáveis e impróprias para um aluno de escola. Então é falado, repassado para esse pai. O pai que é bem esclarecido (não desmerecendo o que não seja informado) ele através da nossa conversa, ele encaminha. Ele mesmo leva a um psicólogo, no primeiro momento leva a um clínico, em um pediatra e daí ele fala com o clínico e o clínico pede a escola um relatório inclusive eu já tenho vários pais que já fizeram isso. Professores que já tiveram essa posição de chamar os pais, os pais já levaram e já tivemos como resposta a receita do clínico pra gente mandar e enviar um relatório. E desse relatório aí vai sim pra outra especialização. Aí fica a questão da responsabilidade dos pais. Então nosso papel é esse, de informar sobre a rotina e essa dificuldade não pode ser omissa aos responsáveis. Imediatamente percebeu a dificuldade tem que chamar os responsáveis registrar e relatar para os responsáveis porque só eles que podem ter essa atitude (Informação verbal – P13).

Alunos que vieram sem saber letras do alfabeto, sem reconhecer então a base é essencial, claro que a família também é, porque a gente percebe que tem muitos alunos com dificuldade por que não tem um pai, porque mora só com a mãe ou mora com a avó. A mãe não está nem aí, está querendo entregar mesmo para o pai ou até mesmo para o conselho tutelar, não quer a criança mais. A gente vê que isso tudo influencia, mexe com a cabeça da criança [...] Eu passo um dever eles falam não, você faz se você quiser de todo jeito você vai passar mesmo. Né, então já trabalhei com alunos assim. Ano passado mesmo no quarto ano eu tinha esse

problema, porque eu passava, passava dever e o aluno não fazia, chamei os pais aqui, ah mais de todo jeito ele não vai passar? Eu não tenho tempo mesmo pra estar ajudando em casa, então tem pais que realmente entregam a função deles totalmente pra escola. (Informação verbal – P11)

Tem que ter, igual ela falou, tem que ter ajuda de pessoas de fora sim, a questão do limite, pode pode (sic), não pode não pode. A questão deles também da aprendizagem, não adianta querer que um peixe suba em uma árvore, é valorizar aquilo que eles sabem e daquilo partir. (Informação verbal – P16)

Falar sobre dificuldade de aprendizagem é prevenir o fracasso escolar de crianças que desde a alfabetização acabam sendo rotuladas como aquelas que não aprendem, levando-os algumas vezes até ao abandono escolar. Por isso, a orientação através de palestra elaborada neste artigo tem a meta de promover uma discussão que envolva todos que fazem parte do contexto escolar, auxiliando os profissionais na criação de métodos e alternativas que contribuam para a superação das dificuldades. E também proporcionar por meio de troca de experiências o desenvolvimento de habilidades, além de formar uma consciência de que ensinar não é apenas transmitir conhecimento, mas sim possibilitar aos alunos momentos e oportunidades de reelaborar o saber dividido, tornando-os ativos, críticos e pensantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho, foi possível analisar as ações utilizadas pelos professores, em relação às crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem no contexto escolar, cumprindo assim o objetivo geral proposto. Utilizou-se no decorrer do estudo, pesquisa bibliográfica e de campo cujo resultado espera-se poder contribuir para os profissionais da educação na relação para com os alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem e profissionais da psicologia que se interessam pela área. Após a consolidação, análise e interpretação dos achados, os resultados revelaram que existe um desconhecimento da temática por parte do corpo docente entrevistado, o que leva na maioria das vezes a estigmatização da criança por parte deste profissional e que as ações utilizadas para com as crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem limitam-se à troca de metodologia com orientação da supervisora.

Diante deste levantamento, foi elaborada uma palestra de orientação para os profissionais do contexto escolar, que se relacionam com as crianças que apresentam

dificuldade de aprendizagem. A fim de orientar de forma dinâmica sobre o tema, levando-os a refletir sobre sua atuação no dia-a-dia e proporcionar um momento de motivação e revigoramento através de troca de experiências e de estratégias para contribuir para que efetivamente ocorra uma educação que vise a equidade.

O estudo realizado apresenta limitações no que se refere à amostra, uma vez que envolveu professores somente de uma escola, portanto, os resultados devem ser considerados sob essas perspectivas. Faz-se necessário aprofundar um pouco mais na realidade dos profissionais desta área, com o propósito de elucidar contradições e conflitos existentes tanto dos profissionais quanto da instituição escolar, a fim de não responsabilizar aqueles que também sofrem com as contradições e a precariedade do sistema de ensino.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, F. S. F.; MARTINS, E.; MAZZOLINI, B. P. M. **Psicologia, formação de psicólogos e a escola: desafios contemporâneos. Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 1, 2011, p. 157-163. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a19v16n1.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2017.

BARROS, E. N. **Fracasso Escolar: Uma breve abordagem teórica acerca das diferentes explicações**. 2012, 15 p. Disponível em: <www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/d3b96528d78a7bfc36946a04aee299bd_1911.pdf> Acesso em 09 fev.2017.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, 2013, p. 179-191. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

CASTRO, T. G.; ABS, D.; SARRIERA, J. C. **Análise de conteúdo em pesquisas de Psicologia**. *Psicol. Cienc. prof.*, Brasília, v. 31, n. 4, 2011, p. 814-825. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pcp/v31n4/v31n4a11.pdf> Acesso em: 08 fev. 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução 013/07. Dispõe sobre a Consolidação das Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dá outras providências. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2017.

CORRÊA, A. R. M. Infância e patologização: crianças sob controle. **Revista brasileira de psicodrama**, v. 18, n. 2, 2012, p. 97-106. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v18n2/a06.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

DE OLIVEIRA, F. M.; MATSUKURA, T. S.; EMMEL, M. L. G. Concepções de professores sobre as dificuldades de aprendizagem de escolares. **Políticas Educativas**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, 2014, p. 68-84. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/Poled/article/viewFile/56223/34832>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

DIAS, A. C. G.; PATIAS, N. D.; ABAID, Josiane Lieberknecht Wathier. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: Algumas reflexões. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 1, 2014, p. 105-111. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n1/v18n1a11.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

FREIRE; PAPERT. O futuro da escola. São Paulo: TV PUC, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010, 200 p.

GODOY, A. S. *et al.* Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 35, n. 2, 2014, p. 57-63. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009, 214 p.

_____. **Metodologia científica**. 5. ed. Atlas, São Paulo: 2010, 250 p.

MOTA, M. S. G.; PEREIRA, F. E. L. **Processo de construção do conhecimento e desenvolvimento mental do indivíduo**. Portal MEC, 2011, p. 1-11. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2017.

NUNES, M. R. M. *et al.* O professor frente às dificuldades de aprendizagem: Ensino público e ensino privado, realidades distintas?. **Revista de Psicologia**, v. 4, n. 1, 2013, 63-74.

Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/79>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

OLIVEIRA, J. P. *et al.* Concepções de professores sobre a temática das chamadas dificuldades de aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 18, n. 1, 2012, p. 93-112. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v18n1/a07v18n1.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; FONTOURA, G. P. **Escola e Psicologia: Uma História de Encontros e Desencontros**. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 19, n. 2, 2015, p. 377-386. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n2/2175-3539-pee-19-02-00377.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

PATIAS, N. D.; GABRIEL, M. R. **Psicologia escolar/Educacional no Brasil: Como era e como é ou deve ser**. Revista eletrônica Psicologia.Pt. 2011, p. 1-13. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0616.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

REGHELIN, Michele Melo. **A Medicalização do Fracasso Escolar**. 2015, p. 1-7. Disponível em:<<http://michelereghelin.com.br/admin/imagens/Medicalizacao%20do%20Fracasso%20Escolar%20Michele%20Reghelin.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

RIBEIRO, P. R. M. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, n. 4, 2015, p. 15-30. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/n4/03.pdf>>. Acesso em 17 abr. 2017.

SILVA, S. C. M. **Diagnósticos invisíveis e práticas pedagógicas**. 2014. 54 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7434/1/2013_StefanyCarolineMeloSilva.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SPINELLO, N C. As dificuldades de aprendizagem encontradas na educação infantil. **Revista de Educação do Ideu.**, v. 9, n. 20, 2014, p. 1-13. Disponível em: <http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/224_1.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2017.

VIEGAS, L. S. Progressão Continuada e Patologização da Educação: um debate necessário. **Psicol. Esc. Educ.**, 2015, v.19, n.1, 2015, p. 153-161. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n1/2175-3539-pee-19-01-00153.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PALESTRA DE ORIENTAÇÃO AOS PROFESSORES

Tema: Tenho um aluno com dificuldade de aprendizagem, e agora?

Público alvo: Professores, diretores, pedagogos e psicopedagogos.

Objetivo: Orientar o público alvo de forma dinâmica sobre o tema, levando-os a refletir sobre sua atuação no dia-a-dia e proporcionar um momento de motivação e revigoramento através de troca de experiências e de estratégias para contribuir para a educação da criança em questão.

Recursos: data show e notebook.

Apresentação do palestrante: Nome, formação, experiência na área;

Início:

- ✓ Vídeo: A mensagem da professora que emocionou o mundo;
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GSbENb9_oXE
- ✓ Definição de dificuldade de aprendizagem; (BARROS, 2012; NUNES, 2013)
- ✓ A criança com dificuldade de aprendizagem;
- ✓ A psicologia e a dificuldade de aprendizagem; (DIAS *et al.*; 2014)
- ✓ Um novo olhar para as crianças com dificuldade de aprendizagem;

Momento de perguntas, respostas e depoimentos sobre o dia-a-dia com a criança que apresenta dificuldade de aprendizagem.

Encerramento:

- ✓ Vídeo: Professor, você pode fazer a diferença com seu aluno
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sMCJ6VCHUSM>

Agradecimento.